



PEQUENAS EPIFANIAS: A ARGUMENTAÇÃO EM CRÔNICAS DE CAIO  
FERNANDO ABREU  
(LITTLE EPIPHANIES: THE ARGUMENTATION IN THE CHRONICLES BY  
CAIO FERNANDO ABREU)

Flávia Lúcia Espíndola SILVA (PG-UFF)

**ABSTRACT:** *This work analyses the speech of the chronicles of Caio Fernando Abreu. The analysis has the greimasian semiotics as theoretical and methodological foundation.*

**KEYWORDS:** *Semiotic, Argumentation, Literature.*

O presente trabalho é um breve resumo da dissertação de Mestrado defendida em setembro de 1998, em que analisamos semioticamente a argumentação em crônicas de Caio Fernando Abreu, publicadas, inicialmente, nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Zero Hora* e, posteriormente, reunidas em antologia intitulada *Pequenas Epifanias*.

Na análise realizada, baseada na teoria semiótica greimasiana, investigamos os mecanismos argumentativos dos textos selecionados e comprovamos a existência de uma narrativa invariante na qual o autor pretende persuadir seu leitor a subverter os valores impostos pela formação ideológica dominante. Assim, temos um sujeito semiótico /cronista/ que faz com que o sujeito semiótico /leitor/ entre em conjunção com o objeto-valor /subversão/.

Tal narrativa, desenvolvida na enunciação e, portanto, pertencente ao nível do discurso, funciona como um programa de manipulação desenvolvido na linguagem da crônica – uma linguagem sempre no limite entre o literário e o jornalístico –, no qual um destinatário – constituído de vários desdobramentos figurativos – cria mecanismos de persuasão dirigidos a um destinatário leitor. Ao fazer persuasivo do destinador /enunciador corresponde o fazer interpretativo do destinatário/enunciário que deverá romper com os valores ideológicos das formações discursivas tradicionais e conservadoras.

Para estabelecermos o *corpus*, adotamos como critério seletivo o uso da pessoa do discurso e depreendemos crônicas de três tipos: as que projetam uma primeira pessoa de forma clara; as que projetam uma terceira pessoa; e as que projetam uma segunda pessoa como embreagem de uma primeira.

A análise feita comprovou que o sujeito da enunciação projeta diferentes pessoas em seu discurso para criar um efeito de sentido de multiplicidade e de distanciamento, criando, dessa forma, a ilusão discursiva de diferentes pessoas. Na realidade, todos os textos analisados são atravessados por um tom confessional. O critério, assim, passa não mais a apontar para diferenças na criação de efeitos de sentido, mas, ao contrário, passa a mostrar que um mesmo efeito de sentido perpassa todos os textos, em meio à variedade de projeções de vozes que os constituem discursivamente.

As crônicas de Caio Fernando possuem um inovação na forma: a presença de um *lead*, que – tal como o jornalístico – tem a função de estabelecer o primeiro contato entre o cronista e o leitor. Entretanto, os *leads* abreunianos não se restringem à fórmula



4W+1H (Who? What? Where? Why? How?), empregada pelo *lead* jornalístico. Os *leads* abreunianos são como um raio-x da crônica, revelando o tom, o estado de espírito da crônica a seguir e já apontando o caráter persuasivo desse tipo de texto. A utilização deste *lead* – meio epígrafe, meio jornalístico – é mais uma maneira de Caio Fernando transgredir os padrões normais e, assim, transformar-se num marginal.

Trabalhando com uma matéria-prima fragmentada: restos de memórias colhidos aqui e ali, de forma aleatória, Caio problematiza atos e sentimentos humanos, criticando severamente a sociedade. Suas crônicas resgatam o caráter literário desse gênero dito “menor”, natural do pasquim diário, e recuperam o estilo de Rubem Braga, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade, que encontravam o belo no banal.

No jornal, a crônica manifesta-se como acontecimento estético e rompe com o objeto cotidiano veiculado neste – a notícia – e, utilizando-se deste mesmo objeto, resignifica o mundo. As crônicas analisadas oscilam entre o literário e o coloquial, distanciando-se dos textos – quase sempre – apologéticos do colunismo jornalístico. Nelas, atestamos que a busca da verdade e a fragmentação do sujeito manifesta-se na heterogeneidade discursiva contida em cada discurso. A heterogeneidade é concebida como um fluxo de identidades contextualizadas. O múltiplo, o plural e o ex-cêntrico marcam a fragmentação do sujeito e a sua constituição heterogênea.

A crônica veicula um discurso dialógico que simula o mundo real e que considera a interação entre um *eu* e um *outro*. Observamos que, no discurso enunciativo, o eu delinea o outro enquanto que, no discurso enuncivo, o outro revela a presença do eu. E, assim como a pluralidade constitutiva do sujeito, a pluralidade discursiva se perpetua.

Em cada crônica, o sujeito-cronista propõe um contrato inicial que, na maioria das vezes, será rompido para o estabelecimento de um novo contrato. Essa constante ruptura dos contratos propostos é uma característica da literatura de Caio Fernando Abreu. Desta maneira, ele pretende levar o leitor ao rompimento de laços e de preceitos considerados como padrões.

Para atingir o seu leitor, o enunciador projeta vozes outras para corroborar a sua argumentação, marcando, assim, o uso da heterogeneidade mostrada. Para tanto, o argumento mais comum encontrado no *corpus* é o argumento de autoridade. Citando uma voz outra, o sujeito-cronista imprime as suas idéias e os seus conceitos sobre o estar no mundo. O jogo de vozes confere interesse e complexidade aos textos analisados. Observar as projeções do sujeito da enunciação significa observar esse jogo discursivo, por meio do qual o sujeito se inscreve na história para produzir sentidos. É por meio desse jogo que o enunciador articula seu discurso, visando à adesão do enunciatário.

No uso recorrente do jogo de vozes, o sujeito da enunciação projeta vozes do mundo contemporâneo e vozes consagradas. A escolha dessas vozes não é aleatória. Elas criam determinados efeitos de sentido no discurso para a persuasão do leitor. Um recurso recorrente no *corpus* é o uso do argumento de autoridade para marcar a heterogeneidade mostrada. Tal argumento instala-se no discurso como vozes outras que corroboram o discurso enunciado e que criam um efeito argumentativo que envolve o enunciatário.

Ao citar poetas como Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, o enunciador ganha uma autoridade literária. Desta forma, não só seu discurso ganha



força argumentativa, mas também lhe é permitido transformar os fragmentos de memória coletiva em poesia. O argumento de autoridade não se constitui como única prova de uma tese. Ele complementa uma rica argumentação e sua autoridade pode ser valorizada ou desvalorizada conforme a opinião do orador.

Os vários discursos literários aqui projetados nas vozes autorizadas indicam que tais discursos constituem o discurso do enunciador Caio Fernando. Ao projetar tais vozes, Caio Fernando qualifica-se para ocupar o lugar do literário. Por ser conhecedor do discurso literário e por ser qualificado para utilizá-lo, Caio Fernando merece um lugar na Literatura. Será o fazer literário de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e outros tantos, apropriado por Caio Fernando Abreu, que construirá, nas crônicas analisadas, o objeto-valor /linguagem literária/, objeto oferecido ao enunciatário não como meio de expressão de outros valores, mas como um objeto-valor em si mesmo, como uma possibilidade de construir uma atitude estética diante dos acontecimentos cotidianos.

O efeito polifônico do discurso das crônicas pode ser percebido na análise atenta de certas asserções que ora introduzem tópicos, ora funcionam como certezas produzidas em meio a certas inquietações existenciais manifestadas no discurso. A incorporação, ao discurso da incerteza e da oscilação, de um outro discurso, categórico, assertivo, cria um efeito de sentido de lugar-comum, realçado pelas formas de indeterminação que o citam: “No século XX não se ama. Ninguém quer ninguém. Amar é out, é babaca, careta. Embora persistam essas estranhas fronteiras entre paixão e loucura, entre paixão e suicídio”. (“Extremos da paixão”)

O sujeito da enunciação enuncia como lugar-comum um pensamento que andaria em voga no século XX. O suposto lugar-comum será o principal argumento do enunciador para convencer e persuadir seu enunciatário-leitor de que o amor é *demodé*. O enunciador parece querer fazer com que o enunciatário rompa com uma concepção “ultrapassada” de amor. Ao afirmar que “no século XX não se ama”, o enunciador pretende persuadir seu enunciatário e, com isso, fazê-lo crer que, no século atual, o amor é um sentimento tão em baixa quanto as Bolsas de Valores em época de crise asiática.

Para caracterizar o enunciado como lugar-comum, o enunciador vale-se do pronome “ninguém” e da utilização da terceira pessoa do singular acompanhada da partícula “se”, indeterminando a autoria da afirmação. O enunciador, ao utilizar tal formulação, exime-se da responsabilidade sobre o que afirmou. Quem diz que “amar é out, babaca, careta” é a “voz do século XX”. Ele – enunciador – só reproduz algo já banalizado para ratificar suas idéias sobre os “extremos da paixão”.

Instalada como lugar-comum, a afirmativa ganha valor argumentativo. O uso do lugar-comum caracteriza a heterogeneidade constitutiva do discurso. Os lugares-comuns são argumentos tão incorporados ao discurso enunciado que o próprio enunciador não percebe a fala de um outro em sua enunciação.

Entre o discurso do “eu” enunciado e o discurso posto como lugar-comum, cria-se um efeito de sentido de tensão. Essa tensão entre vozes permeia todo o discurso analisado. O enunciador manifesta-se como eu, criando um efeito de sentido de identidade que será contraposto pelo discurso do “outro”. Quando o enunciador projeta o



discurso do “outro”, as várias vozes se projetam no enunciado, construindo – desta maneira – múltiplos enunciatários.

Irônico e complacente é como também o enunciador se projeta atravessado por esse jogo de citações de vozes. Para construir o sentido de seu discurso, o enunciador projeta um dizer marcado pelo não-dizer, ou melhor, pelo desdizer. Através da citação de vozes e do uso do lugar-comum, o enunciador cria um efeito de sentido de contradição ao seu próprio discurso, gerando uma ambigüidade de sentidos própria do discurso literário. As vozes múltiplas criam verdades múltiplas. Na realidade, não há uma verdade una. Há uma ilusão de verdade universal que mascara a fragmentação da verdade.

Diluído nas vozes que cita, o enunciador mantém-se no discurso, assumindo o papel de um observador<sup>1</sup> que, apesar da ilusão discursiva de distanciamento, projeta marcas de um espaço e de um tempo enunciativos, acusando, desta forma, a sua presença, como em “Carlos chega ao céu”: “Os três ficam em silêncio, o coração deles começa a bater no mesmo compasso (dodecassílabo? daqui não dá para ouvir direito).” As interferências deste enunciador-observador são postas no texto entre parênteses como uma advertência ao leitor de que, nessa fala, não é mais a voz de um narrador que enuncia.

Ao abrir parênteses, o enunciador rompe com a objetividade imposta pelo uso da terceira pessoa e instala no texto suas próprias dúvidas e seus próprios juízos de valores, aproximando o fato narrado de si próprio e de seu leitor. Observe-se ainda a debreagem enunciativa do espaço (“daqui”) e do tempo (verbos no presente), marcando a presença do enunciador-observador. Presença esta também observada em passagens como “amarela não, que dá azia” e “isso nunca ninguém soube”, quando o enunciador-observador expõe seus juízos de valores de forma incisiva, visando à adesão do leitor.

Apesar de, em seu discurso, Caio Fernando inserir diversas vozes, a sua maior marca é um discurso de debreagem enunciativa – o que já revela uma manipulação. Através de um discurso em primeira pessoa, o enunciador consegue a necessária aproximação com o enunciatário das crônicas. Com a utilização da primeira pessoa do plural, o enunciador cria – também – um efeito de sentido de cumplicidade entre ele e o enunciatário-leitor, compartilhando com este as suas verdades.

O efeito de sentido de cumplicidade reforça a narrativa de manipulação, discursivizada por meio do recurso do jogo de vozes e das relações entre dizer e não-dizer. Ao criar um elo entre enunciador e enunciatário, o sujeito da enunciação torna mais explícitos os mecanismos argumentativos. Essa cumplicidade propicia uma maior aceitação por parte do leitor do que é dito pelo cronista, funcionando como procedimento argumentativo.

Para alcançar a adesão de seus leitores, Caio Fernando lança-se num envolvente jogo de sedução, no qual cada leitor deve ser fisgado pelo seu discurso e por

---

<sup>1</sup> O observador, na perspectiva semiótica, é “o sujeito cognitivo delegado pelo enunciador e por ele instalado, graças aos procedimentos de debreagem, no discurso enunciado, onde é encarregado de exercer o fazer receptivo, e eventualmente o fazer interpretativo.” (GREIMAS; COURTÉS, 1979a, p. 313-314)



ele ser levado à inquietude, à incerteza e à fragmentação. A argumentação de seu discurso é antes um convite ao jogo do que uma intimidação. Os recursos utilizados por Caio Fernando são todos recursos de sedução. Suas escolhas sintáticas e semânticas, induzem o leitor a subverter os valores tradicionais. Assim, ao trazer para seus textos figuras de renome e personagens como Reagan, Drummond, Jodie Foster, Irene preta, Caio Fernando invade o cotidiano do leitor, mostrando-lhe um mundo novo, por Caio Fernando recriado e que pode ser sempre uma “pequena epifania”, uma revelação e uma inovação.

No *corpus* analisado, o enunciador seleciona variados temas para disseminar os valores que pretende compartilhar com o enunciatário. Excetuando-se o caso das “Cartas para além do muro”, que, recuperando a idéia de folhetim, constituem uma seqüência, as demais crônicas caracterizam-se por uma aparente descontinuidade ou dispersão. No entanto, o exame voltado para a redução da aparente variabilidade a núcleos temáticos constantes, permite identificar alguns temas recorrentes. São eles: amor, identidade, alteridade, tempo, solidão, esperança e morte. Um novo recorte analítico sobre essa redução temática permite observar que a todos eles subjaz uma configuração discursiva que alinhava um painel existencialista<sup>2</sup>. A questão do estar no mundo permeia todos os textos analisados. O cronista preocupa-se com o sujeito enquanto indivíduo que constrói o próprio destino de estar no mundo.

O “estar no mundo” – núcleo sêmico comum dessa configuração – abrange variações temáticas que se inter-relacionam. Desta maneira, não podemos falar em um tema principal para cada crônica. Todas as crônicas pertencentes ao *corpus* são atravessadas por vários dos temas que compõem a configuração discursiva do “estar no mundo”.

Ao tratar de assuntos aparentemente banais e corriqueiros do cotidiano, o enunciador /cronista/ cria um efeito de sentido de um bate-papo informal: cria-se a ilusão de que enunciador e enunciatário estão frente-a-frente numa conversa amigável “num bar qualquer, numa esquina da vida”. É nesse misto de ilusão discursiva de banalidade e de cumplicidade que o enunciador irá polemizar o “estar no mundo” e suas relações. Através da banalidade de “dois ou três almoços, uns silêncios”, o enunciador tenta mascarar as necessidades de redescobrir “magias sem susto”, as aprendizagens do querer, as experiências do “outro rosto”, as delícias da “pequena epifania” e os desprazeres de estar no mundo.

Ao analisar cada tema listado anteriormente, o núcleo temático existencialista irá evidenciando-se, comprovando a nossa tese de que todo o discurso aqui analisado é atravessado pelo tom confessional e pessoal do sujeito enunciador. O estar no mundo é um ato constante de construção-destruição-reconstrução do sujeito. Um ato de despir-se da máscara, de contemplar-se e de remodelar-se conforme as necessidades e as imposições de um mundo que se supera a cada instante.

A repetição de determinadas figuras – “o olhar”, “a água”, “a poeira” – destina-se à confirmação da posição assumida pelo sujeito da enunciação; uma posição questio-

---

<sup>2</sup> Não nos referimos aqui ao existencialismo filosófico de Sartre e outros, mas sim ao existencialismo enquanto estar no mundo; enquanto existir natural a todos os seres.



nadora que deseja problematizar e subverter valores do mundo real. O simples contraste das figuras do “olhar” que ultrapassa a vidraça e do “olhar” que se reflete na janela; da “água” que corre para o mar e reinicia um novo ciclo e da “água” dos “bueiros” e “esgotos” que encobre toda a poluição do ser; da “poeira” que embaralha sentimentos e memórias e da “poeira” que afasta o impuro constrói efeitos de sentido argumentativos.

Trocando em miúdos, o sujeito da enunciação ao escolher tais figuras concede-lhes valor argumentativo pois ancora seu texto em metáforas do movimento cíclico da vida: nascer/morrer/renascer. Esta repetição caracteriza uma isotopia figurativa no discurso analisado. A reiteração, nas crônicas analisadas, das figuras “água”, “olhar” e “poeira” – construindo um jogo opositivo entre pureza e impureza, exterior e interior, movimento e estabilidade – evidencia, uma vez mais, a trama existencialista do discurso analisado.

Devemos lembrar que as crônicas aqui analisadas pertencem, primeiramente, à página do jornal. As relações aqui propostas só se tornaram possíveis graças à publicação da coletânea *Pequenas Epifanias*. A partir do conjunto da obra pudemos observar os temas e as figuras recorrentes. Aparentemente, há uma descontinuidade – típica da estrutura da crônica jornalística – entre os temas. Mas isso é só aparência. Opondo-se ao discurso apologético jornalístico que defende pontos de vistas determinados, esvaziando o discurso de determinados valores para ressaltar outros, va-lorizando, via de regra, um tema e uma posição ideológica, a crônica – em particular, a de Caio Fernando – simula uma descontinuidade de isotopias para, desta forma, gerar valores e criar múltiplas possibilidades de interpretação. Assim o cronista aspira alcançar a adesão do leitor.

Após a análise dos temas e figuras recorrentes no *corpus* selecionado, constatamos que os temas expostos são valores subjetivos e problematizam o “estar no mundo” de acordo com o quadro de valores do sujeito da enunciação. Este, sujeito na/da/para a História, questiona os valores da sociedade dominante – uma sociedade machista, capitalista, judaico-cristã e tradicionalista.

Todos os valores aqui analisados representam a subversão dos valores moralistas da sociedade na qual estamos inseridos. Mantendo-se fiel aos ideais propostos pelo movimento pós-moderno – a fragmentação do sujeito, a multiplicidade da verdade e a ruptura com o tradicional –, o sujeito da enunciação insere-se no interior da sociedade que deseja subverter a fim de questioná-la. E, ao tratar de “pequenas epifanias”, “extremos da paixão”, “verdade interior” e do “além do muro”, o sujeito deseja provocar uma cisão nos valores tradicionais, tentando uma modificação nestes valores e uma conseqüente metamorfose na sociedade. Uma sociedade menos omissa, menos hipócrita, menos preconceituosa e menos castradora do ser.

Discursiva e ideologicamente, o enunciador das crônicas analisadas será construído como um sujeito preocupado com a condição do homem no mundo. As crônicas giram em torno das questões existencialistas. Das questões do estar no mundo e de se relacionar com e nele. Questões sobre a vida, a morte, a alteridade, a identidade, o tempo, a solidão, a esperança e o amor que rodeiam o indivíduo contemporâneo. Apostando ou não suas fichas no jogo sedutor proposto pelo cronista, o leitor recolore o mundo ao seu redor e recupera um olhar há tanto tempo esquecido na correria das



grandes cidades, empoeirado na mesa do bar ou perdido na tela de tevê. E, desta maneira, transforma em epifanias as pífias revelações deste sujeito-cronista.

**RESUMO:** O trabalho faz a análise semiótica da argumentação em crônicas de caio Fernando Abreu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica, Argumentação, Literatura.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GREIMAS, AJ; COURTÉS, J. Dicionário de semiótica. São Paulo: Cultrix, 1979, p.313-314)